



## 1932: A MOBILIZAÇÃO DE ÂNIMOS QUE CONDUZIU SÃO PAULO PARA A GUERRA CIVIL<sup>1</sup>

Raphael Alves Leitão

**Resumo:** Comumente, ao se falar sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, os livros escolares e a maioria das bibliografias apresentam uma visão superficial do acontecimento. Entre 9 de julho e 2 de outubro de 1932, o Brasil vivenciou seu maior movimento armado em solo pátrio. Liderada pelo Estado de São Paulo, a revolução buscava derrubar o Governo de Getúlio Vargas e instituir um regime constitucional, cuja luta contabilizou a perda de cerca de 1000 vidas brasileiras. No entanto, esse episódio da história brasileira tornou visível a iniciativa, a persistência, a bravura e o engajamento pela causa que acometeram paulistas no envolvimento direto ou indireto com o conflito. A guerra cívica não se fez somente nos campos de batalha, foi lutada em todas as frentes e setores. Jornais, Noticiários, Rádios, Comícios, Panfletos, Cartazes, Aviação; todos os meios possíveis foram utilizados para aflorar o “sentimento bandeirante” do povo paulista. A manipulação social foi realizada de uma forma, até então, jamais vista no Brasil; a cidade de S. Paulo era um único cérebro e uma única alma. Esgotando-se o tempo de vida daqueles que viveram 1932, é dever do historiador exumar as memórias da Guerra Civil Brasileira e trazer à tona a retórica constitucionalista.

**Palavras-chave:** Brasil. Revolução Constitucionalista de 1932. Manipulação Social.

### 1 INTRODUÇÃO

No ano de 1932, o segmento político paulista já se encontrava com um alto nível de insatisfação com os resultados da Revolução de 1930. As ações desenvolvidas por Getúlio Vargas e seus aliados, os tenentistas, não estavam agradando os paulistas, mais especificamente a classe dominante política e econômica. Sendo assim, de janeiro a julho de 1932, os ânimos da população de São Paulo foram gradativamente se exaltando. Em *Revolução...* (2013), o sociólogo da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Sr. Paulo Sulvino Ribeiro, durante uma entrevista para a Rede TV dos Trabalhadores (TVT), afirmou que foi realizado todo um trabalho de criação de uma espécie de sentimento de pertencimento à São Paulo; foi esse sentimento que motivou a participação popular no levante paulista.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História Militar.



Essa exaltação chegou ao seu nível máximo quando, na noite de 23 de maio de 1932, quatro jovens morreram em um confronto, na esquina da Praça da República, onde ficava a sede do Partido Popular Paulista, com a Legião Revolucionária, esta leal ao governo getulista.

Após os acontecimentos do dia 23 de maio de 1932, a situação em São Paulo se agravou e, em 9 de julho do mesmo ano, estava iniciado o levante revolucionário paulista. Para mobilizar a população para a guerra, os líderes revolucionários utilizaram todos os recursos possíveis.

O historiador Hernâni Donato (1982, p. 9), em sua obra **A Revolução de 32**, cita algumas palavras do historiador das revoluções brasileiras, Glauco Carneiro, em um trecho que define a guerra civil de 1932 como sendo “talvez a mais bela das revoluções republicanas brasileiras, pelo que representou de mobilização de forças, dedicação à causa comum, tenacidade e resistência”.

Segundo Donato (1982, p. 10), dentre os diversos propósitos pelos quais se lutava a guerra de 1932, nada disso teve importância após o movimento se tornar uma causa do povo. A importância que se deve perpetuar é a de que “milhões de brasileiros, numa unanimidade regional não alcançada até aqueles dias, ergueram-se na mais dramática das decisões: a guerra civil”. A partir dessas observações, percebe-se que o trabalho realizado sobre a opinião pública paulista merece uma atenção específica.

Portanto, a questão que se colocou, neste trabalho, foi a de conhecer como a propaganda de guerra influenciou no sentimento de luta de São Paulo, fazendo com que jovens e adultos, homens e mulheres, deixassem o conforto de seus lares e caminhassem para a incerteza do *front* de batalha ou dedicassem seu tempo e bens pela causa revolucionária.

A pesquisa teve como objetivo geral analisar como foi realizada a mobilização dos ânimos do elemento civil do estado de São Paulo em prol dos objetivos revolucionários, conhecendo: a forma como a mídia paulista, manipulada, ou não, pelos líderes do movimento, trabalhou a opinião pública em favor da revolução; e como os meios de comunicação foram utilizados ideologicamente e estrategicamente, mobilizando e organizando, assim, milhares de paulistas para a guerra.

Buscando-se atingir o objetivo proposto, o autor deste trabalho desenvolveu uma pesquisa exploratória, seguindo uma abordagem pura, na qual a produção do



conhecimento científico foi realizada teoricamente, utilizando-se o método de pesquisa bibliográfica e documental. Partindo desse princípio, a elaboração da pesquisa contou com um aprofundamento de estudo de cunho explicativo.

A pesquisa qualitativa apresentou características que corresponderam às necessidades do estudo, pois: não houve necessidade de se obter amostras representativas de grandes populações; os dados coletados foram predominantemente descritivos; e a análise dos dados tendeu a seguir um processo indutivo. Sendo assim, a técnica de coleta de dados utilizada foi, basicamente, a consulta aos documentos e bibliografias.

Na elaboração deste artigo, o autor deste trabalho buscou apresentar ao leitor outra visão da Revolução Constitucionalista de 1932, alheia ao combate armado. Inicialmente, foi elaborada uma ambientação dos fatos antecedentes à luta armada, mostrando, resumidamente, o que motivou alguns segmentos do povo paulista a iniciarem sua luta contra o governo getulista.

Em seguida, o autor do artigo abordou como foi feita a manipulação ideológica da opinião pública; apresentou como os organizadores e principais líderes do movimento utilizaram a mídia para influenciar e motivar os paulistas no engajamento com a causa revolucionária; e mostrou como algumas camadas da sociedade foram mobilizadas por outras, de forma a se tornarem apenas uma massa em busca da vitória.

Dando continuidade, o autor apresentou como os meios de propaganda e mídia audiovisual, disponíveis na época, foram utilizados para mobilizar a população. A inovação do rádio e os cartazes de guerra, bem como o impacto causado, por eles, na população. O combate, sem armas, travado entre os paulistas revolucionários e o Governo Federal, configurando-se, assim, uma guerra psicológica até então nunca vista no Brasil.

Por fim, o autor abordou a incrível mobilização de São Paulo em prol do esforço de guerra. Homens, mulheres, idosos, crianças, intelectuais, industriais, advogados, professores, comerciantes, estrangeiros, entre outros, até indivíduos de outros estados da federação, todos trabalharam e, dentro de suas possibilidades, contribuíram com o desenrolar do conflito.



## 2 SÃO PAULO E A GUERRA CIVIL DE 1932

Quando se fala da Revolução Constitucionalista de 1932, sentimentos são aflorados, lembranças são revividas e posicionamentos, convergentes ou não, são apresentados acerca dos fatos. No entanto, para o ex-Presidente da República, Juscelino Kubitschek, esse foi o significado de 1932:

A Revolução Constitucionalista aberta em São Paulo a 9 de julho de 1932 é um acontecimento que já atravessou as portas do tempo comum para penetrar na perenidade da história. Foi uma daquelas causas pelas quais os homens podem viver com dignidade e morrer com grandeza. (DONATO, 1982, p. 8).

### 2.1 1932 COMEÇA BEM ANTES

Após a assunção de Getúlio à presidência, fruto da Revolução de 1930, o mesmo anula a Constituição Federal de 1891 e substitui os governadores de diversos estados brasileiros por interventores de sua escolha. No caso paulista, o interventor foi o “tenente” João Alberto, pernambucano e sem vínculos com São Paulo. Insatisfeitos e revoltados com o caminho pelo qual o “governo provisório” conduzia o país, os paulistas iniciam uma onda de protestos. A mobilização dos ânimos paulistas teve início em 1º de janeiro de 1931, ocasião em que o jornal O Estado de São Paulo apresentou um artigo que exigia a eleição de um congresso constituinte. (A GUERRA..., 2002).

A defesa da constituinte repercutiu em todo o país. Getúlio Vargas, por intermédio de Juarez Távora, tenente de sua confiança, respondeu ao jornal. Este, por sua vez, declarou que ainda era cedo para novas eleições e que os paulistas só pensavam em São Paulo e não no Brasil. Essa declaração não repercutiu da forma esperada e acabou unindo os paulistas contra os tenentes e ao próprio Getúlio. (A GUERRA..., 2002).

O descontentamento da população brasileira e, principalmente, da população paulista, com a bagunça geral estabelecida por Vargas torna-se visível em 1932, como é apresentado por Rosa:

O mês de maio daquele ano de 1932 já tinha se iniciado com muita tensão no ar: Greves, comícios, articulações políticas e militares iam aos poucos dando forma ao movimento revolucionário. Vargas por sua vez, acenava com a Assembleia Constituinte apenas para o ano seguinte, causando indignação e descontentamento entre os paulistas. (ROSA, 2013).



Nas palavras de Menotti Del Picchia (1932, p. 17), a população paulista era “um enorme depósito de dynamite. Bastava uma scintilha para se operar a explosão”. E, na noite do dia 23 para 24 de maio de 1932, inseriu-se o ingrediente que faltava para acender o estopim da revolução, mártires! Durante todo o dia 22 de maio, os estudantes paulistas realizaram comícios e passeatas pedindo a “Constituinte Já!”. As passeatas e manifestações se intensificaram no dia 23 e o fulgor da juventude que caminhava pelas ruas pode ser assim relatado: “Empolgados com a participação popular, armaram-se de fuzis e revólveres; e resolveram invadir naquela mesma noite a sede política dos tenentes na praça da república.” (A GUERRA...,2002).

O Sr. João Silveira Peixoto deixou seu depoimento: “Era muita gente, nós éramos muitos. Quisemos abrir a porta do prédio, mas não conseguimos. O primeiro a subir [as escadas] foi o Martins [referindo-se a Mário Martins de Almeida]. [...] não demorou a cair, com o peito picotado pela uma rajada [...]” (A GUERRA..., 2002).

O autor deste trabalho pôde assim dizer que a guerra começou na Praça da República.

No dia 24 de maio, a população paulista parou para acompanhar o enterro dos quatro jovens que morreram no conflito da noite anterior. Euclides Bueno **Miragaia**, Mário **Martins** de Almeida, **Dráusio** Marcondes de Souza e Antônio Américo de **Camargo** Andrade, cujas iniciais seriam usadas nos dias seguintes para dar nome à Sociedade Secreta M.M.D.C, a qual escreveria o destino da Revolução Constitucionalista de 1932.

O levante tomou forma sob a escuridão da noite de 9 de julho de 1932 e, no alvorecer do dia seguinte, os paulistas acordam com uma manchete de jornal: “**Está victorioso, em todo o Estado, o movimento revolucionário de caracter constitucionalista**” (O Estado de S. Paulo, 10 jul. 1932, grifo nosso). A população, exaltada, aclamava as tropas que desfilavam pelas ruas da cidade e partiam para a frente de combate.

Menotti Del Picchia assim descreveu o sentimento paulista com o início da luta pela constitucionalização:

O ar contagiava-se do ardor colectivo da lucta. A onda de civismo envolvente plasmava uma exaltada unanimidade combativa e ardente surgindo capitosa de todas as vontades desde as primeiras horas. Esse ardor iria, num crescendo épico, até a formulas sociaes de renuncia, de bravura e de

sacrifício ineditas ainda num agregado humano. A madrugada revolucionaria era já o prenuncio da formidável epopéa que foi a arrancada constitucionalista: a mais bella pagina da historia jamais escripta por um povo no continente americano e talvez no mundo. (PICCHIA, 1932, p. 9).

## 2.2 A MANIPULAÇÃO DE ÂNIMOS

Começamos falando da Figura 1: São Paulo acordou em seu aniversário, 25 de janeiro de 1932, sob chuva, no entanto, lá estava a população reunida na Praça da Sé para um comício contra o governo provisório de Vargas e suas medidas ditatoriais. Contudo, essa imagem merece destaque, uma vez que se observa uma diferença de posturas das pessoas presentes no evento. Enquanto um grupo se veste de faixas, slogans e palavras de protesto, a grande massa é flagrada como espectadora. Portanto, a partir dessa primeira interpretação, é nítido que o caminho para a revolução foi, desde o início, norteado por uma parcela da população, cuja constituição se dava pela elite estadual paulista.

Figura 1: Comício na Praça da Sé (25/01/1932)



Fonte: PONTES, 2004, p. 78 apud RODRIGUES, 2011.

Segundo Capelato (1981, p. 20), “os representantes da classe dominante paulista empenharam todos os esforços na articulação do Movimento. Falando em nome de *toda* a sociedade e a *todos* se dirigindo, mobilizaram grande número de voluntários para a causa de São Paulo”. A historiadora Maria Helena Capelato informa, também, que os discursos que eram dirigidos à população, eram minuciosamente trabalhados



ideologicamente, visando transformar os interesses particulares da classe dominante em universais (interesses de todos).

A atuação dos oradores nos comícios, procurando empolgar as massas e motivando-as a aderir ao movimento, foi imprescindível. Dentre eles, destaca-se a figura de Ibrahim Nobre, declarado como o tribuno popular da revolução. Nos versos de seu poema intitulado Minha Terra, minha pobre terra estava o poder de conquistar não só os corações, mas também as mentes daqueles que o ouviam, transformando-os em inúmeros adeptos da causa.

Terra Paulista! [...] Nossa terra era justa, era boa! O inimigo, fingindo-se de irmão, invadiu-a, desfê-la, lesou-a, reduziu-a a senzala, a prisão. [...] Nosso sangue, ao cair na peleja, se transforma em estrelas no céu! E que importa morrer? Que nos valha a consciência de um justo porvir! [...] Mães paulistas! Ensinai aos vossos filhos que o sangue nada vale pelo que corre humanamente nas veias, mas pelo que palpita divinamente no coração. Esposas e noivas de minha Terra! Afirmái aos vossos maridos, aos vossos prometidos que o amor não se prova pelo que obtém, mas pelo que renuncia! [...] Meus patrícios! Olhai! Lá fora estão passando os funerais da nossa geração e do nosso pudor! E então, Homens? (CAPELATO, 1981, p. 38-39).

Enquanto as palavras proferidas nas vozes emocionadas dos tribunos contagiavam os ouvidos de seus espectadores, manifestos eram impressos e lançados ao povo. Em um apelo, intitulado Paulistas!, lançado pela Liga Paulista Pró-Constituinte, órgão da mocidade bandeirante, assim se falou a São Paulo:

Chegou a hora de enfrentar os nossos opressores. [...] Por isso, cada paulista, de nascimento e de coração, tem o **dever de tornar-se soldado**. Não há o que possa desobrigá-lo desse dever porque o que está em jogo não é esta ou aquela região, mas a própria nacionalidade! Paulista, arma-te e municia-te como puderes e vem para a praça pública! Já há inúmeros batalhões de civis, comandados por oficiais, onde poderás inscrever-te. [...] Quem não vier para a rua ficará desmoralizado como covarde perante o seu país, o seu Estado, os seus amigos, a sua família ou perante a própria consciência, se ninguém viesse a ter conhecimento da sua fuga. [...] Quem não estiver pronto para lutar, suicide-se, que é melhor morrer assim do que morrer moralmente. Paulista! Mova-te, toma providências já e vem servir com teus irmãos a terra onde dorme a tua Mãe, onde hão de dormir os teus filhos! (DONATO, 1982, p. 111, grifo nosso).

Apesar dos eloquentes comícios atingirem substancialmente a opinião pública, o papel de protagonista do grande trabalho de mobilização dos ânimos populares ficou com a imprensa. Não cabia aos paulistas refletirem sobre as dúvidas e ambiguidades da



revolução, pois a imprensa a colocava como sendo a causa mais elevada e digna pela qual, no mínimo, a luta valeria o sacrifício da própria vida! Sendo assim, todos os meios de comunicação foram direcionados à sensibilização do **povo** para com a **causa paulista**.

Uma das técnicas mais eficazes de controle social é o domínio das consciências, a manipulação da opinião pública, portanto, essa medida foi levada às últimas consequências. Segundo Capelato (1981, p. 32), “a ‘grande imprensa’ veiculou a ideologia dominante através das manchetes, editoriais, anúncios, artigos; falou a ‘todos’ e por ‘todos’, adequando os valores ‘eternos’ às necessidades imediatas suscitadas pelas conturbações políticas e sociais”.

“A imprensa paulista esposou [...], desde o primeiro instante, a causa da lei. [...] Foi uma trincheira espiritual, de onde, com varonil bravura, se bateram denodadamente os nossos mais fúlgidos valores”, foi assim que Menotti Del Picchia (1932, p. 249) definiu a importância da imprensa na mobilização ideológica paulista.

A mídia exaltava a grande mobilização de voluntários pela causa, ressaltando a espontaneidade das adesões, como apresentou o jornal A Plateia, em 13 de setembro de 1932: “[...] não foi o Estado que pediu o auxílio de seus filhos. Não houve [...] nenhuma convocação oficial de forças. Foram estas que se puseram imediatamente a serviço de São Paulo” (CAPELATO, 1981, p. 34). Utilizando-se desse artifício, buscava-se camuflar os apelos de caráter autoritário, como: “São Paulo reclama e a nação **ordena** o alistamento de todos os cidadãos válidos” (DIÁRIO DA NOITE, 22/7/1932 apud CAPELATO, 1981, p. 34, grifo nosso).

No entanto, ainda havia aqueles que, de alguma forma, se recusaram a contribuir com o Movimento. Como consequência, foram considerados inimigos de São Paulo, sendo chamados de **maus paulistas** e **derrotistas**, além de serem taxados de **covardes**, recebendo o convite pra usar saias pelas bravas mulheres paulistas. Um exemplo disso aconteceu com o diretor da Companhia Souza Cruz, que se negou a doar cigarros para os soldados da Revolução.

Houve um grande trabalho de censura, com a finalidade de maquiagem as informações da guerra que chegavam até o povo. Logo no início do movimento, foi criado um Departamento de Publicidade com o objetivo de fornecer as notícias da



guerra para os jornais e emissoras de rádio, censurando os dados colhidos pela própria imprensa.

As cartas dos combatentes às suas famílias passavam por uma triagem logo nos correios, sendo escolhidas aquelas com maior fervor cívico. Aquelas que relatavam as dificuldades da guerra eram sumariamente queimadas. Após isso, a imprensa se encarregava da divulgação das cartas que motivariam o engajamento com a causa. Além disso, os jornais impediam a publicação de derrotas nos campos de batalha.

Em 8 de outubro de 1932, em manifesto ao povo paulista, o Coronel Herculano de Carvalho e Silva, comandante da Força Pública, expôs sua impressão sobre a ação da imprensa e do rádio: “A **ilusão** era tão perfeita, tão verosímil, tão necessarias as notícias, que no proprio palacio do governo lhes davam credito, como se de facto correspondessem á **verdade**” (PICCHIA, 1932, p. 275, grifo nosso).

A fotografia foi amplamente utilizada, buscando-se tornar o acontecimento mais vivo e mais próximo do leitor, no entanto, se pensarmos que o fotógrafo escolhe seu cenário muito antes da captura da imagem, a fotografia deixa sua neutralidade de lado e torna-se mais uma ferramenta ideológica. Por isso, é fato que não há divulgação de imagens que mostrem derrotas ou dificuldades no *front*, isso contribuiu não somente para a mobilização dos ânimos, mas também para a construção da memória de 1932.

No trabalho ideológico de mobilização dos ânimos invocou-se a tradição do povo paulista, fazendo reviver o sentimento bandeirante. Transformou-se em símbolo de heroísmo e vigor de raça a figura do bandeirante histórico. Gritos de São Paulo de Borba Gato, São Paulo de Anhanguera eram ouvidos a todo momento no Largo de São Francisco. A partir daí, todo soldado partindo para a guerra tornava-se um bandeirante!

Dentre os valores que emolduravam 1932, a família teve seu lugar de destaque. Foi em seu nome que se invocou a participação da mulher paulista, a célula *mater* da família, elemento indispensável na manutenção da ordem social. “É verdade incontestes: nenhuma causa se faz realmente popular se não alcança a adesão e o entusiasmo da mulher” (DONATO, 1982, p. 194). Capelato (1981, p. 43) contribui dizendo que “no enaltecimento da ‘mulher paulista’, salientou-se a abnegação, desprendimento, espírito de renúncia [...], procurando com isto encobrir o caráter autoritário de seu desempenho”.



A mobilização ideológica paulista, trabalhada em maior parte pelas principais classes da sociedade, possuía, assim como uma moeda, duas faces. Enquanto artifícios eram constantemente utilizados para cooptar mais adeptos para o movimento, promovendo uma homogeneização do social, como se pode ver nas palavras de J. Rodrigues, intituladas *A mulher Paulista no Movimento Pró-Constituinte*:

As Sras. e Srtas. paulistas, sem distinção de classe, foram as primeiras a mobilizar-se. Damas que sempre viveram no conforto de seus lares, correram ombro a ombro com as filas do povo para as cozinhas a fim de prepararem, com as suas mãos, o rancho da tropa que se batia pela restauração da ordem jurídica. (CAPELATO, 1981, p. 43).

Algumas publicações em veículos de mídia anarquista, como a publicação da carta de Isabel Ferreira Bertlucci pelo *Jornal A Plebe*, tentavam mostrar o outro lado da moeda, :

Em nome da mulher paulista falaram as senhoras católicas, as senhoras evangélicas, as senhoras espíritas e espiritualistas, professoras e damas do escol social. Todas no mesmo diapasão. A mulher operária e as mães dos soldados anônimos não puderam falar em nome da Mulher Paulista. (A PLEBE, 24/12/1932 apud CAPELATO, 1981, p. 44).

O apoio do clero paulista uniu Família e Religião, os dois pilares de sustentação do Movimento de 1932. Os sacerdotes abençoaram os soldados que partiam para o combate, filhos da mulher paulista, e transformaram a revolução na **Guerra Santa de São Paulo**.

Durante a guerra civil, foi lançada a Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo, com o objetivo de suprir os gastos do movimento. Como não podia ser diferente, a campanha também teve seu teor ideológico. Enfatizou-se a grande importância moral das doações e a colaboração das classes sem distinção. Mais uma vez, o despreendimento da mulher foi realçado, uma vez que “elas abandonaram a vaidade e o amor pelas joias”. Esse processo ideológico fez o ouro abandonar seu valor e significado material, transformando-se em símbolo de riqueza e valores morais e unidade social. Assim disse Menotti Del Picchia (1932, p. 170): “Paulistas, vós que tendes corações de ouro, dáe ouro a S. Paulo. Dai ouro á terra que vos deu a vida. Paulistas! Devolvei um pouco do tudo que S. Paulo vos deu!”.



A repercussão ideológica da Campanha do Ouro pode ser percebida em uma carta apreendida pelo 4º Batalhão da Polícia Baiana, em Silveiras, São Paulo. Nela, Anita assim escreveu ao seu noivo Humberto: “[...] aquele anel que você me pediu àquela tarde inesquecível que ao lado de você passei, já entreguei para a grande causa; dei tudo que possuía [...] por São Paulo, por esta terra boa que habitamos, saberemos dar tudo o que ela necessita. Viva São Paulo!” (DONATO, 1982, p. 198).

Complementando a funcionalidade dos valores da Família, da Religião e da doação do **ouro como riqueza moral**, a defesa da Liberdade, do Direito e da Lei, unidas na luta pelo restabelecimento da Constituição, formaram a bandeira do Movimento Constituinte. “Afinal, a defesa da Constituição permitia à classe dominante paulista falar por São Paulo, pelo Brasil, pela causa da nacionalidade” (CAPELATO, 1981, p. 49). Transformando a revolução em uma causa de aspiração e iniciativa populares, a classe dominante paulista legitimava suas ações.

A mobilização dos ânimos paulistas foi pautada em dois temas básicos: a luta por São Paulo e a luta pela Ordem. A publicação do Jornal A Plateia expressa o sentimento de luta por São Paulo:

São Paulo desafia a ditadura em nome do Brasil, combate-a em nome da lei e há de vencê-la em nome da civilização... São Paulo em pé de guerra não é São Paulo, é o Brasil. Para falar em nome do Brasil basta a São Paulo a grandiosidade do seu progresso, o esplendor da sua cultura, a pujança de seu civismo. Para falar em nome do Brasil, basta a São Paulo o ser São Paulo. (A PLATEIA, 19/07/1932 apud CAPELATO, 1981, p. 51).

Ombreando a luta por São Paulo, a luta pela Ordem baseou-se no ideário anticomunista. Os membros e aliados do governo de Vargas foram taxados de extremistas e, logo, se estabeleceu uma relação entre extremismo e ditadura. “[...] a ditadura, na sua volúpia de destruição, procura armar os pobres contra os ricos, os operários contra as outras classes, o Norte contra o Sul e o Brasil contra São Paulo [...]” (O Estado de São Paulo, 27/08/1932). “[...] o Brasil só se salvará se houver união entre seus filhos [...]. O que nos cumpre, do mais humilde cidadão ao chefe de Governo, é salvar o Brasil da anarquia” (O Estado de São Paulo, 14/05/1932). Como pode ser visto, a imprensa paulista, representante fiel das classes conservadoras de São Paulo, os articuladores do movimento, não poupou esforços para expressar o repúdio ao



comunismo e, assim, realizar a mobilização social tão necessária na luta contra o governo de Getúlio Vargas.

### 2.3 A PROPAGANDA DE GUERRA

Para que a manipulação ideológica atingisse seu objetivo nominal, os arquitetos do movimento utilizaram-se da maturação do desenvolvimento dos recursos técnicos de comunicação da época, como o rádio, jornais e impressos em geral, como mecanismos de controle social.

O ímpeto, o entusiasmo, a despertada criatividade revolucionários manifestaram-se em todas as áreas e atividades. A comunicação visual [...] apenas começava, no país. [...] Agências de propaganda engatinhavam. [...] Contudo, floresceu, nos muros das cidades paulistas, uma geração de peças publicitárias conclamando ao alistamento militar, à doação de bens e de serviços. Em sua maioria, peças anônimas, predominando o espírito da colaboração. Não buscavam, tais artistas, a glória pessoal mas a vitória da causa constitucionalista. (DONATO, 1982, p. 214-215).

Como foi apresentado no tópico 2.2, a imprensa, utilizando-se dos jornais e fotografias, realizou um excelente trabalho de propaganda dos feitos da revolução e contribuiu, sobremaneira, com a mobilização social. Contudo, a propaganda revolucionária teve seu destaque na utilização do advento do rádio e na produção e distribuição de panfletos e cartazes.

#### 2.3.1 A Guerra em Ondas Sonoras

Logo no início da revolução, as estações de rádio tornaram-se elementos de guerra essenciais. Em 23 de maio de 1932, a Rádio Record foi invadida por um grupo de estudantes e um manifesto foi encaminhado à população. A emissora não se opôs à imposição e, aderindo ao movimento, tornou-se a voz da revolução constitucionalista. Foi a primeira vez que se utilizou o rádio como meio de mobilização de massa no Brasil.

“A ‘Record’, a ‘Educadora’ e a ‘Cruzeiro’ foram tres trincheiras metralhantes, eficazes e dedicadas, [...] mantendo no povo aquella incessante exaltação e entusiasmos que não o abandonaram nem um momento”, assim descreveu, Menotti Del Picchia (1932, p. 78), o trabalho realizado pelas emissoras de rádio.



A fabulosa marcha francesa *Paris-Belfort* virou, na Rádio Record, o fundo musical de 1932. Na voz de locutores, como César Ladeira, que ficou conhecido como “A voz da Revolução Constitucionalista”, seriam lidas proclamações dos escritores Guilherme de Almeida e Antônio de Alcântara Machado.

Hernâni Donato (1982, p. 202) caracteriza a utilização do rádio como sendo a “maneira nova e delicada de guerrear”. Acrescenta que “as transmissões radiofônicas, então pouco mais do que pioneiras, imperfeitas, figuravam entre as maravilhas tecnológicas do tempo. São Paulo podia ouvir a Educadora, a Cruzeiro e a Record.” Já o governo federal possuía dezenas de outras emissoras na busca incessante de convencer o país contra o propósito paulista. Donato ainda contribui dizendo que:

Foi o rádio governamental, principalmente, a difundir pelos estados imagem negativa para a Revolução: separatista, comunista, mussoliniana, adversária jurada dos nordestinos. [...] São Paulo mobilizou um Serviço de Publicidade, com noticiário e comentários igualmente pouco respeitadores da verdade dos campos de combate. [...] O confronto radiofônico era mantido incessantemente. Embora a qualidade do som e o alcance limitassem a eficiência dessa arma, São Paulo empregou-a dia a dia, com decidido empenho. (DONATO, 1982, p. 202).

Discursos e proclamações magistras e, por vezes, ingênuas, hinos vibrantes, notícias alviçareiras, tópicos de jornais transmitidos dias e noites até avançadas horas da madrugada, todos tinham espaço no rádio, quando o objetivo era animar e motivar os paulistas. “Em todos os lares as famílias ansiosas se reuniam em torno do aparelho magico por onde, através do mysterio das ondas electricas, uma voz clara mas distante lhes traduzia os sentimentos ou as informava do que occoria [...]” (PICCHIA, 1932, p. 79).

Na voz de César Ladeira, na Rádio Record, em 7 de setembro de 1932, o poema de Guilherme de Almeida, intitulado *Exortação*, deixa explícito o teor do sentimento paulista.

[...] paulistas, velhos, mulheres, crianças, carregam [...] a arma certa que vai alcançar [...] a vitória [...]. O paulista não mudou [...]. Todo paulista sabe ser pobre como Jó! Para com essa pobreza, alcançar a riqueza maior, a riqueza melhor, a riqueza gloriosa, a riqueza suprema! A única riqueza que São Paulo quer... a vitória, a vitória, a vitória!



O rádio foi a grande revelação da arte de se fazer guerra. Com certeza, uma ferramenta impressionante, que contagiou e mobilizou todos, paulistas ou não, na defesa de seus ideias.

### 2.3.2 Cartazes

Uns dos ícones mais famosos da propaganda de 1932 são justamente os cartazes. Segundo Rosa (2010), os “cartazes foram a primeira grande manifestação da propaganda política e de guerra em solo brasileiro”. O Departamento de Propaganda do M.M.D.C desenvolveu, com maestria, essas peças que apelam diretamente para o valor moral do paulista, usando mensagens fortes e diretas.

Segundo Oliveira Júnior:

[...] o cartaz político se dirige para sensibilizar o público. Seus modos de exortação e a plasticidade visual de que se vale, criam sua expressividade. Uma série de procedimentos é destinada a conseguir adesão à mensagem, persuadindo o receptor a algo que ignora ou sobre o qual ainda não refletiu adequadamente. Há uma alteração do uso cotidiano da linguagem verbal com o objetivo de maior convencimento. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2013, p. 7).

Partindo desse princípio, duas possibilidades de persuasão nascem: o convencimento e a emoção. A primeira com o objetivo de que o enunciado seja reconhecido como verossímil e a segunda com a finalidade de mobilização e adesão a uma ideologia. Para se atingir tais objetivos, o discurso é de cunho apelativo, buscando a sensibilidade e a identificação do receptor com a mensagem apresentada. Toda imagem e todo texto são criados com objetivos específicos.

Seguindo essa sistemática, “todos os cartazes produzidos pelo M.M.D.C. optam por imagens figurativas que ao mesmo tempo guardam semelhança formal com seu referente, mas também evocam por relação simbólica” (OLIVEIRA JÚNIOR, 2013, p. 8).

Não foi ao acaso que o movimento constitucionalista tenha sido estruturado em torno da imagem bandeirante. A força histórica do bandeirante foi, provavelmente, a imagem mais eficiente na mobilização dos ânimos paulistas. Isso devido ao imaginário construído ao redor dos bandeirantes ser precedente a 1932, eram heróis, os verdadeiros paulistas.

Assim, todo um trabalho foi realizado para que o paulista aflorasse seu espírito bandeirante e, assim como seus antepassados, abandonassem o conforto de seus lares, partindo à luta, para o bem de São Paulo!

Em uma breve análise dos cartazes apresentados nas Figura 2 e 3, pode-se perceber que na Figura 2, a imagem do bandeirante, com o olhar firme, ergue o braço esquerdo, espalma a mão e, encarando o receptor, incita o combate com um apelo direto e pessoal. Percebe-se que as cores utilizadas remetem à bandeira paulista (vermelho, branco e preto). As iniciais da milícia civil M.M.D.C enfatizam a lembrança daqueles que pereceram na luta constitucionalista.

Figura 2: Cartaz 1



Fonte: ROSA, ago. 2010.

Figura 3: Cartaz 2



Fonte: ROSA, abr. 2013.

Já na Figura 3, o autor deste trabalho teve o objetivo de realizar uma ligação entre passado e presente paulistas. Mais uma vez, o passado é representado por um bandeirante gigante, fazendo alusão a uma raça forte, uma raça de gigantes, segurando sua arma e um Getúlio Vargas frágil, vulnerável e anão; quanto ao presente paulista, observa-se um soldado constitucionalista com a bandeira paulista em punho, representando a luta que culminaria com a derrubada do governo provisório. O texto “Abaixo a Dictadura” (Figura 3) é autoexplicativo.

Paralelamente aos cartazes cheios de mensagem implícitas e retórica visual, apresentados nas Figura 2 e Figura 3, foram utilizados os cartazes de recrutamento, típicos da Primeira Guerra Mundial, com suas mensagens diretas, incisivas e impactantes.

Figura 4: Cartaz 3



Fonte: ROSA, abr. 2013.

Os cartazes das Figuras 4 e 5 são representações típicas das mensagens de recrutamento. Observa-se que o Cartaz 4 (Figura 5) apresenta a versão feminina da guerra, mostrando a importância da mulher para o futuro da revolução.

O historiador Oliveira Júnior dá um excelente resumo do que se buscava-se atingir com esse tipo de cartaz (Figura 4 e 5):

A tipificação fortemente embutida na mensagem do cartaz, um militar constitucionalista uniformizado, olhando diretamente e insinuando com o dedo a quem se dirige, é consequência dos imperativos da interpretação da

leitura e da eficácia ideológica da imagem-propaganda. Este é um exemplo de imagem arquetípica de momentos bélicos das mais eloquentes, traduzindo-se em uma eficiente propaganda, pois quem não se alista, quem não se compromete, é culpado, quase um desertor, pois abdicou de cumprir o seu dever. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2013, p. 11).

Figura 5: Cartaz 4



Fonte: ROSA, abr. 2013.

Em uma última análise, tem-se os cartazes das Figuras 6 e 7. Neles pode-se observar a presença das Bandeiras do Brasil e de São Paulo, no entanto, a Bandeira Nacional é colocada em primeiro plano.

Figura 6: Cartaz 5



Fonte: ROSA, abr. 2013.

Isso não foi por acaso, o objetivo era mostrar que, apesar se existirem paulistas separatistas, o Movimento Revolucionário não possuía um ideário separatista. A luta, antes de ser por São Paulo, era pelo Brasil! Em defesa da nacionalidade! Outra curiosidade pode ser observada no Cartaz 6 (Figura 7), no qual todos os soldados possuem o mesmo rosto. A finalidade dessa mensagem era mostrar que todos eram iguais em defesa da causa paulista, abria-se mão da individualidade em prol do interesse coletivo.

Figura 7: Cartaz 6



Fonte: ROSA, abr. 2013.

## 2.4 SÃO PAULO MOBILIZADA

Para Hilton (1982, p. 104), foi o “entusiasmo popular que conhecidamente possibilitou a rápida mobilização de reservistas e voluntários, que engrossaram as fileiras constitucionalistas até atingirem 20.000 homens em armas”.

A bravura paulista nem sequer estava adormecida: estava latente. [...] Quando essa força fosse represada para a guerra, ella irromperia com a potencialidade de uma catadupa como golphou, rebojante e viril, durante esses quasi tres meses de lueta contra a colligação de vinte estados, que ainda por cima contavam com os recursos bellicos que lhe vinham do exterior. (PICCHIA, 1932, p. 25).



Os estudantes, com destaque para os da Faculdade de Direito, responderam prontamente ao apelo, organizaram passeatas e comícios para a defesa da Lei, ameaçada pela ditadura, e transformaram o Largo de São Francisco em verdadeira praça de guerra.

O M.M.D.C organizou imediatamente comissões de propaganda e as enviou para as cidades do interior paulista, onde, junto à cooperação da polícia e das prefeituras, convenceu o povo a fazer sacrifícios e contribuições para o movimento. “O processo todo tornou-se logo um grande festival de civismo” (HILTON, 1982, p. 104-105).

Toledo (2012) diz que “os postos instalados pelo [...] MMDC foram poucos para atender a enxurrada de voluntários que queriam alistar-se para a guerra. Dez mil inscreveram-se nas primeiras 72 horas”.

Em uma declaração de um dos diretores do alistamento em Campinas, publicado nos jornais de Campinas, em 18 de agosto de 1932, o mesmo disse: “Podem os senhores dizer que São Paulo, em matéria de voluntariado [...] forma de fato um batalhão inteiro diariamente” (DONATO, 1982, p. 196).

“A comunidade revolucionária dispôs de apenas horas para organizar-se e conduzir a guerra. Fê-lo, primorosamente, no campo militar e cívico” (DONATO, 1982, p. 112).

[...] a classe dos lavradores tomou parte ativa no Movimento de 32, mobilizando seus recursos na ‘preparação econômica da Guerra’. [...] Os comerciantes paulistas também se destacaram como articuladores do Movimento de 32. [...] Os industriais apoiaram integralmente o Movimento, ocupando papel de maior destaque na ‘preparação econômica da guerra’. Durante um certo tempo, foi militarizada quase toda a produção dessas indústrias. Milícias especiais foram criadas para a inspeção às fábricas que não acatassem as vozes de comando da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo. (CAPELATO, 1981, p. 22-24).

De acordo com Donato (1982, p. 196), a Associação Comercial lançou a Campanha do Ouro, a qual, até o fim da campanha, contabilizou em donativos a quantia (em réis) de 6 243 638\$600.

Hilton registrou que o Sr. Fernando Costa, representante do M.M.D.C em Lorena, em 17 de julho de 1932, informou que:

A MMDC continua recebendo de todas [as] espécies e procedências numerosos oferecimentos [de] voluntários, reservistas, gêneros alimentícios, animais, automóveis, donativos em dinheiro, serviços profissionais e tudo



quanto interessa [à] luta pela constituição e pelo Brasil. (HILTON, 1982, p. 105).

Para apresentar a mobilização paulista, em toda a sua extensão, obtida com toda a campanha ideológica realizada, seria necessário um outro trabalho de pesquisa e um novo artigo.

Segundo João Neves da Fontoura, “a mobilização da indústria de São Paulo, quando conhecida em seus detalhes, assombrará o mundo” (CAPELATO, 1981, p. 25).

“Na história do Brasil nunca se viu mobilização tamanha para um esforço de guerra. E nunca uma causa mereceu a produção de tantos cartazes, tantas medalhas e tantas outras bugigangas que incitavam as pessoas à luta” (TOLEDO, 2012).

São Paulo tornou-se um só: igrejas, maçonaria, colônias estrangeiras, imprensa... Todos por São Paulo!

O relato de Menotti del Picchia emoldura, com precisão, o que se viu em São Paulo de 1932:

Um commercio pittoresco floria as ruas de bandeiras, de insignias, de brinquedos guerreiros. Todos traziam na lapella as armas de S. Paulo e da republica, fitas com as cores da bandeira. As mulheres militarizavam a moda, usando bibís estylizados. Surgiram nas paredes, vivos, imperativos, os cartazes. As ruas se encheram de fardas kakis, praticas, rapidas, simples, expressivas e decorativas. Bandeiras tremulavam dia e noite nas fachadas, como uma longa e auspiciosa velada civica. Os postos de fornecimento abarrotavam-se de saccos, de caixas, de fardos. Os caminhões roncavam transportando praças e mercadorias. [...] Tudo era vibração, alegria, estoicismo, bravura, civismo. Nunca um povo foi tão grande e nunca um raça superou assim as demais raças em capacidade de organização, em actividade fervente, em espirito de sacrificio e em espontanea generosidade. [...] Os estrangeiros, testemunhas da mobilização dos paizes europeos ao deflagrar a grande guerra, foram unanimes em confessar seu pasmo deante da mobilização paulista. [...] Todos fizeram de S. Paulo a patria commum, generosa e acolhedora, maternal e terna e todos deram a S. Paulo tudo o que podiam dar. As supremas offertas foram feitas. Os sacrificios mais grandiosos se consumaram. (PICCHIA, 1932, p. 69-70).



### 3 CONCLUSÃO

A partir do que foi apresentado, o leitor pode perceber que o trabalho realizado na mobilização da opinião pública paulista merece uma atenção específica. O engajamento da população, de diversas classes, com a causa, foi impressionante e, para que se obtivesse esse resultado expressivo de envolvimento da massa, a propaganda e o trabalho de manipulação das massas foram de extrema importância. Portanto, a presente pesquisa tem sua importância pautada no objetivo de colaborar com o preenchimento dessa pequena “lacuna” no conhecimento, acerca da Revolução Consitucionalista de 1932, que é a manipulação e a mobilização dos ânimos paulistas.

O autor conseguiu constatar que, apesar de 1932 parecer um **movimento do povo paulista**, não houve, de fato, uma neutralidade na produção do sentido do movimento, pois, deliberadamente, foram criadas estratégias e soluções comunicativas que tenderam a impor um significado controlado, desejado e nada polissêmico. Com certeza, havia toda uma expectativa de que, com o uso dos jornais, da fotografia, do rádio, dos discursos emocionados e dos cartazes e panfletos, decididamente se influenciaria e se mobilizaria a ação e a simpatia de boa parte da população paulista. Tal fato realmente se concretizou com a influência e a manipulação de multidões.

A constante reutilização das memórias de 1932, depois de quase 85 anos do conflito, pelos paulistas, revitalizando as lembranças em nomes de ruas e avenidas, monumentos, celebrações de datas comemorativas, etc, mostra o sucesso obtido no trabalho de manipulação ideológica realizado.

Por fim, fica o incentivo para outros pesquisadores, o desenvolvimento e o aprofundamento do estudo sobre a mobilização da população paulista de 1932. Tal assunto carece de uma pesquisa mais específica e meticulosa, tendo em vista a profundidade do tema.



## REFERÊNCIAS

- 32, a Guerra Civil. Direção de Eduardo Scorel. Produção de Cláudio Kahns. Realização de Banespa e Publifolha. Coordenação de Chantal Marmor e Bia Ribeiro. Roteiro: Sérgio Augusto. Música: Hermelino Neder. [s.i.]: Cláudio Kahns, 1992. (48 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U2aFvcDVc1k>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- A GUERRA dos Paulistas. Direção de Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi. Realização de Tv Cultura e Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Roteiro: Luiz Bolognesi. [s.i]: Buriti Filmes, 2002. (55 min.), son., P&B. Documentário. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PIV0ojKO6wg>>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Cultura. Fundação Nacional de Arte. Núcleo de Fotografia da Funarte. **Revolução de 32: a fotografia e a política**. Rio de Janeiro: Funarte, 1982. 60p.
- CAPELATO, Maria Helena. **O movimento de 1932 a causa paulista**. São Paulo: Brasiliense, 1981. 89 p.
- DOCUMENTÁRIO - Revolução de 1932. Direção de Fernando Moreira e Breno Junqueira. Produção de Juliana Costa. [s.i.]: Tv Univap, 2013. Son., color. Edição de Jaide Menezes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AAgv1h8H0g4>>. Acesso em: 20 dez. 2016.
- DONATO, Hernâni. **Dicionário das Batalhas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed. São Paulo: IBRASA, 2001. 593 p.
- \_\_\_\_\_. **A Revolução de 32**. São Paulo: Círculo do Livro Ed. Abril, 1982. 224 p.
- ENTRE o céu e os sonhos. Direção de Custódio Guimarães. Realização de Núcleo de Cinema Tela em Transe; Videoás. [s.i.], 2012. (118 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=bsIv\\_gRRC1w&nohtml5=False](https://www.youtube.com/watch?v=bsIv_gRRC1w&nohtml5=False)>. Acesso em: 08 jan. 2017.
- HILTON, Stanley E. **A Guerra Civil Brasileira: história da revolução constitucionalista de 1932**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 384 p.
- MOREIRA, Regina da Luz. **Revolução Constitucionalista de 1932**. FGV. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Revolucao1932>>. Acesso em: 03 nov. 2016.
- O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 14 mai. 1932. Anno LVIII, n 19,167. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19320514-19167-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 05 abr. 2017.



\_\_\_\_\_. São Paulo, 10 jul. 1932. Anno LVIII, nº 19.216. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19320710-19216-spo-0023-999-1-not>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. São Paulo, 27 ago. 1932. Anno LVIII, nº 19.264. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19320827-19264-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio R. de. **Convencimento e emoção: a força da imagem-propaganda no movimento constitucionalista de 1932**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...**. Ouro Preto: Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia, 2013. p. 1 - 14. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/convencimento-e-emocao-a-forca-da-imagem-propaganda-no-movimento-constitucionalista-de-1932>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

PICCHIA, Menotti Del. **A Revolução Paulista**. Atravez de um testemunho do Gabinete do Governador. São Paulo, 1932. 300 p.

PINHO, Celso Luiz. **1932: o túnel da discórdia**. São Paulo: Gregory, 2015. 234 p.

REVOLUÇÃO Constitucionalista de 1932 Paulista, uni-vos!. Direção de Carlos Zen. Produção de Maria da Penha e Willian Assaf. Coordenação de Rafael Galuzzi. Roteiro: Carlos Zen e Maria Amélia Lopes. [s.i]: Rede TVT, 2013. (49 min.), son., color. Entrevista com o Historiador Alexandre Hercker e o Sociólogo Paulo Sulvino Ribeiro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nR9mSPTBOOo>>. Acesso em: 31 out. 2016.

RODRIGUES, João Paulo. **Tradição e retórica imagética: a construção da propaganda visual oposicionista no levante de 1932 em São Paulo**. História, Franca, v. 30, n. 1, p. 372-395, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-90742011000100018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742011000100018&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 05 abr. 2017.

ROSA, Ricardo Della. **23 de maio de 1932**. Tudo por São Paulo 1932. mai. 2013. Disponível em: <<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/2013/05/23-de-maio-1932.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Mais cartazes da Revolução de 32**. Tudo por São Paulo 1932. fev. 2013. Disponível em: <<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/2013/02/mais-cartazes-da-revolucao-de-32.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Propaganda: Cartazes da Revolução de 32**. Tudo por São Paulo 1932. ago. 2010. Disponível em: <<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/2010/08/propaganda-cartazes-da-revolucao-de-32.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.



\_\_\_\_\_. **Quinze cartazes de propaganda constitucionalista.** Tudo por São Paulo 1932. abr. 2013. Disponível em:  
<<http://tudoporsaopaulo1932.blogspot.com.br/2013/04/quinze-cartazes-de-propaganda.html>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

SILVA, Hélio. **1932 - A guerra paulista.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967. 398 p.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **O que foi a Revolução de 1932: porque e como se deu a insurreição de São Pulo.** Veja. 2012. Disponível em:  
<<http://vejasp.abril.com.br/cidades/oitenta-anos-revolucao-1932/>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

TORAL, André. **A propaganda política de 1932, hoje.** 19&20, Rio de Janeiro, v. XI, n. 1, jan./jun. 2016. Disponível em:  
<[http://www.dezenovevinte.net/obras/1932\\_propaganda.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/1932_propaganda.htm)>. Acesso em: 08 abr. 2017.